

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS DA ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM

AUTISM SPECTRUM DISORDER: CHALLENGES IN NURSING ASSISTANCE

Laís Gabriele Braz de Moraes¹; Fernanda Matilde Gaspar²

¹UNILUS – Curso de Graduação em Enfermagem – graduando do 5º ano – Santos, SP – Brasil;

²UNILUS – Enfermeira mestre – docente da UNILUS – Santos, SP – Brasil

RESUMO: Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que se manifesta na primeira infância. Diante disto, o enfermeiro tem papel primordial na assistência do paciente portador de autismo, uma vez que ele irá atuar na prestação do cuidado e promoção da qualidade de vida. O objetivo deste trabalho é identificar na literatura os desafios do enfermeiro durante a assistência à criança portadora do espectro autista. Metodologia: revisão narrativa do tipo descritiva, com os seguintes descritores: TEA; Assistência; Enfermagem; Transtorno; Autístico; Paciente. Foi realizado uma busca na Biblioteca Virtual em Saúde, nas bases de dados *Portal Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, Revista de APS, *Scire Salutis*, Arquivos Brasileiros de Ciência em Saúde, *Research, Society and Development journal*, Revista Enfermería Global, Revista Terra e Cultura e Revista Baiana de Enfermagem, com os seguintes filtros: texto completo, em português, disponibilizados na Íntegra, com recorte temporal de 10 anos. Resultados e discussão: identificou-se sentimento de insegurança e fragilidade diante do conhecimento dos enfermeiros sobre o TEA, podendo desenvolver impactos negativos ao autista e seus familiares. Além disso, foi destacado a escassa abordagem do tema na grade curricular durante a formação acadêmica. Considerações finais: a participação do enfermeiro na assistência ao TEA ainda ocorre de forma deficiente pois a enfermagem não acredita estar capacitada para lidar com o paciente autista. Por ser um tema muito complexo, observou-se a necessidade da utilização da cartilha de Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA, elaborada pelo Ministério da Saúde, assim como a produção de novos estudos acerca do tema exposto.

Palavra-Chave: Autismo, Criança, Enfermagem

ABSTRACT: Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder that manifests itself in early childhood. In view of this, nurses play a key role in assisting patients with autism, as they will provide care and promote quality of life. The objective of this work is to identify in the literature the challenges of the nurse during the care of children with the autistic spectrum. Methodology: narrative review of the descriptive type, with the following descriptors: TEA; Assistance; Nursing; Disorder; Autistic; Patient. A search was carried out in the Virtual Health Library, in the databases *Portal Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), Database of Nursing (BDENF), Brazilian Interdisciplinary Health Journal, APS Magazine, *Scire Salutis*, Brazilian Archives of Health Sciences, *Research, Society and Development journal*, Global Nursing Magazine, earth and culture magazine and Bahia Journal of Nursing, with the following filters: full text, in Portuguese, available in Íntegra, with a time frame of 10 years. Results and discussion: a feeling of insecurity and security was identified in view of the nurses' knowledge about ASD, which could develop negative feelings for the autistic person and their family members. In addition, the scarce approach to the subject in the curriculum during academic training was highlighted. Final considerations: the participation of nurses in ASD care still occurs poorly, as nurses do not believe they are qualified to deal with autistic patients. Because it is a very complex topic, there was a need to use the Guidelines for Rehabilitation Care for Persons with ASD, prepared by the Ministry of Health, as well as the production of new studies on the exposed topic.

Keywords: Autism, Child, Nursing

INTRODUÇÃO

A palavra autismo é derivada do grego “autos”, que tem como significado “voltar-se para si mesmo”, caracterizando um dos sinais conhecidos pelo transtorno, onde o indivíduo passa por um estágio de perda de interesse pelo mundo exterior e tudo o que para ele é inerente. O autismo foi apresentado pela primeira vez no ano de 1943, pelo psiquiatra Leo Kanner, como “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo”. Ele realizou um estudo com 11 crianças que apresentavam características incomuns quando comparadas a outras crianças. Foi observado uma dificuldade na criação de relações afetivas, prejuízo no desenvolvimento da fala, ecolalia e incômodo ao realizarem mudanças. A definição de autismo foi introduzida ao Manual Diagnóstico Estatístico de Saúde Mental – DSM, pela primeira vez em 1952, entretanto, estava relacionado aos sintomas de esquizofrenia. No novo DSM – 5ª edição, lançado em 2013, o novo diagnóstico passa a ser isolado e se torna Transtorno do Espectro do Autismo (SANCHES; TAVEIRA, 2020).

Segundo a Associação Americana de Pediatria (APA), o TEA é um distúrbio neurológico que afeta algumas áreas do desenvolvimento infantil. Estas áreas são responsáveis pela interação social, comportamento e comunicação. O autismo era considerado um distúrbio raro pela Organização Pan-Americana da Saúde-OPAS (2019), porém atualmente, observa-se um grande aumento no número de casos desde a última década, onde antes a taxa de prevalência era de aproximadamente quatro para cada 10.000 crianças, no panorama atual a cada 68 crianças, pelo menos uma apresenta o transtorno (SEIZE; BORSA, 2017; FONTINELE *et al.*, 2021).

Os sinais e sintomas possuem expressividade variável e manifestam-se na primeira infância, sendo quatro vezes mais comum nos meninos, no entanto, as meninas são mais prejudicadas por apresentarem o distúrbio de forma mais grave. Crianças com maior coeficiente de inteligência (QI) e com capacidade de argumentar/articular com facilidade, terão um prognóstico mais assertivo (GAIATO, 2018; SANTOS; SANTOS; SANTOS, 2019).

A criança com TEA vai apresentar uma tríade de comportamentos específicos, como desinteresse em interagir socialmente, dificuldades na comunicação verbal e ausência de atividades criativas. Algumas podem apresentar outros sintomas como movimentos estereotipados ou repetitivos, podem ter padrões de inteligência variável, temperamento extremamente lábil, forte apego a objetos e sensibilidade a dor ou barulhos (SILLOS *et al.*, 2020).

O diagnóstico do autismo é realizado através do quadro clínico apresentado pela criança e por queixas familiares, necessitando de um apoio multidisciplinar para acompanhar e avaliar o seu desenvolvimento. A *American Academy of Pediatrics* (APA) afirma que o rastreamento dos sinais do autismo deve ser realizado entre 18 e 24 meses de idade, através de instrumentos padronizados e específicos (MACHADO *et al.*, 2014).

O *Modifield Checklist for Autism in Toddlers* (M-CHAT), é uma escala muito utilizada em crianças de 18 a 24 meses de idade para identificar sinais precoces do TEA. O questionário é composto por 23 perguntas com respostas do tipo “sim” ou “não”, cujo objetivo é avaliar o desenvolvimento da criança em relação a sua parte motora, linguagem e interação social. A escala CARS-BR (*Childhood Autism Rating Scale*) é considerada como padrão ouro no Brasil, pois investiga os graus do TEA, podendo distinguir o autismo leve/moderado do autismo severo. É uma escala breve, composta por 15 itens e utilizadas em crianças acima de dois anos de idade (MACHADO *et al.*, 2014; MOURA, 2016).

O Indicador Clínico de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI), é um instrumento específico para alterações no desenvolvimento infantil de forma geral, não exclusivamente para o transtorno autístico, mas foi validado para uso de profissionais de saúde a fim de investigar os comportamentos da díade mãe-bebê, buscando evidências que possam ser prejudiciais para o crescimento infantil. É composto por 31 indicadores, ou seja, sinais ou sintomas observados na idade de 0 a 18 meses. Uma nova proposta foi estabelecida ao IRDI se tornando IRDI-questionário, direcionado para pais de crianças autistas e se tornando uma escala autoaplicável (MACHADO *et al.*, 2014).

O autismo é um transtorno que não possui cura, mas utiliza de terapias que podem ajudar na melhora da qualidade de vida do indivíduo e seus familiares. As terapias comportamentais são utilizadas para desenvolver mudanças no comportamento, assim como terapias de comunicação. A fonoaudiologia, equoterapia e treinos funcionais também podem auxiliar no sucesso do tratamento. A terapia medicamentosa entra como coadjuvante, com a finalidade de amenizar comportamentos específicos considerados indesejáveis, como os estereotipados, repetitivos e quadros de hiperatividade ou desatenção. Vale ressaltar que, a terapêutica medicamentosa é destinada apenas em casos mais graves, onde o indivíduo não apresenta melhora após ter realizado outros tipos de terapias (SILLOS *et al.*, 2020).

Ao descobrir sobre o filho com um transtorno, a família pode passar por sentimentos depressivos, como choque, negação e luto. Comumente, aumenta os níveis de sobrecarga e estresse da mãe, visto que

as atribuições do cuidado da criança geralmente ficam apenas para a figura materna, principalmente por ter um papel social de cuidadora principal, se dedicando integralmente ao filho autista (PINTO *et al.*, 2016).

Após muita luta e pressão social realizada por diversas instituições em todo Brasil, o autismo foi considerado como deficiência, sendo protegido pela Lei nº 12.764/2012, estabelecendo a *Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA*, popularmente conhecida como Lei Berenice Piana, garantindo direito a vida, integridade física e moral, segurança, lazer e proteção contra qualquer tipo de abuso e exploração. Em 2013, o Ministério da Saúde em parceria com o SUS, lançou a cartilha intitulada *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA*, com objetivo de fornecer orientações para as equipes multiprofissionais em relação ao cuidado à saúde da pessoa com TEA e sua família, nos diferentes pontos de atenção da Rede de Cuidados à pessoa com deficiência (DIAS, 2017).

Neste contexto, torna-se indispensável o desenvolvimento de estudos mais aprofundados na área da enfermagem acerca do autismo, considerando a complexidade e a crescente taxa de prevalência de casos. Durante a minha experiência acadêmica, enquanto estagiária, despertou-me o interesse de buscar achados científicos sobre a assistência dos enfermeiros à criança autista durante a hospitalização, buscando responder o questionamento sobre como é prestada a assistência de enfermagem em relação às crianças diagnosticadas com TEA.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, do tipo descritiva, cujo objetivo é identificar na literatura os desafios do enfermeiro durante a assistência à criança portadora do TEA. Foram realizadas buscas de artigos referentes aos últimos 10 anos, disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas bases de dados *Portal Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, Revista de APS, *Scire Salutis*, Arquivos Brasileiros de Ciência em Saúde, *Research, Society and Development journal*, Revista Enfermería Global, Revista Terra e Cultura e Revista Baiana de Enfermagem Utilizando os descritores: TEA; Assistência; Enfermagem; Transtorno; Autístico; Paciente, e as combinações destes através do operador booleano “AND”.

Crítérios de Inclusão: artigos publicados em português, disponibilizados na íntegra dentro do espaço temporal delimitado (10 anos) e pertinentes ao objetivo do estudo.

Crítérios de Exclusão: artigos duplicados e os que não apresentavam conteúdo relacionado ao autismo e a enfermagem.

Análise de dados: ao todo foram encontrados 186 artigos, após realizar as buscas nas bases de dados eletrônicas citadas, respeitando os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 13 artigos e, após leitura criteriosa, 09 artigos foram utilizados para a elaboração dos resultados e discussão do trabalho.

RESULTADOS

O Quadro 1 a seguir apresenta uma organização dos achados da literatura com: autor, título, objetivos e aspectos principais para melhor fundamentar o objetivo da pesquisa.

Quadro 1 - Dados organizados sistematicamente e catalogados.

	Título da Obra	Autor / ano	Objetivo	Aspectos principais
A	Assistência de enfermagem a paciente com Transtorno do Espectro Autista	Rodrigues; Queiroz; Camelo, 2021	Analisar a assistência de enfermagem aos pacientes com transtorno do espectro autista	A equipe de enfermagem é uma peça significativa para a detecção de sinais e alterações do desenvolvimento, no entanto, alguns profissionais ainda não se sentem seguros e habilitados para caracterizar as manifestações precoces do transtorno autístico.

	Título da Obra	Autor / ano	Objetivo	Aspectos principais
B	Indicadores para triagem do tratamento do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras	Corrêa; Gallina; Schultz, 2021	Descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade na consulta de puericultura	Os resultados evidenciaram que apenas 8 (10%) dos 78 profissionais entrevistados sabiam reconhecer os sinais precoces que envolve o distúrbio autístico. Apontou também a importância da identificação precoce dos sinais iniciais de TEA e o uso de instrumentos de triagem validados e recomendados para a equipe de saúde, exigindo, do profissional, treinamentos, criação de novos protocolos para a assistência e atualizações constante, oferecendo assim melhores condições para qualidade de vida da criança
C	A assistência de enfermagem diante de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão de literatura	Silva <i>et al</i> , 2021	Identificar como é realizada a assistência de enfermagem aos pacientes portadores de TEA e seus familiares de acordo com a literatura científica já publicada	As condutas que mais se sobressaíram do enfermeiro foram a identificação de alterações disfuncionais do possível portador de TEA, acompanhamento e implementação e aplicação da SAE e apoio aos familiares.
D	O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em criança à luz da teoria do cuidado humano	Soeltl; Fernandes; Camilo, 2020	Analisar, com base nos princípios abordado na Teoria do Cuidado Humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional	A partir dos achados durante as entrevistas, surgiram três categorias: o cultivo da sensibilidade para si e para o outro; a valorização da expressão de sentimentos e o relacionamento interpessoal; a promoção do ensino-aprendizagem intrapessoal e interpessoal. A falta de conhecimentos e instruções do enfermeiro faz com que atrase as intervenções precoces, podendo comprometendo o bem-estar da criança portadora de TEA.
E	Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de enfermagem	Neves <i>et al</i> , 2020	Identificar a importância da equipe de enfermagem diante do tratamento de uma pessoa com TEA, apresentar as características da pessoa com TEA que devem ser reconhecidos pela equipe de enfermagem e descrever como acontece a abordagem ao paciente com TEA	O estudo afirma que o atendimento a uma criança com TEA é um desafio para a equipe de saúde, principalmente para o enfermeiro que visa a melhoria da qualidade de vida tanto do paciente quanto dos familiares. Aponta também sobre o enfermeiro possuir uma alta rotatividade de pacientes durante seu plantão, essa demanda dificulta a assistência e absorção de informações relevantes, ocasionando atraso e/ou complicações futuras ou imediatas na saúde do paciente.

	Título da Obra	Autor / ano	Objetivo	Aspectos principais
F	Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa	Magalhães <i>et al</i> , 2019	Analisar as evidências científicas sobre a assistência de Enfermagem à criança autista	Foi possível identificar algumas dificuldades que podem prejudicar a qualidade e eficácia da assistência da enfermagem com os cuidados primários, tal como a falta de gerenciamento do cuidado, falta de tempo e de diretrizes para a prática, além do déficit na qualificação para o cuidado com os pacientes autistas.
G	A importância do cuidado de enfermagem diante do paciente com espectro autista	Fernandes; Gallette; Garcia, 2018	Esclarecer a real atribuição dada ao profissional de enfermagem no atendimento à pessoa com autismo e também o seu envolvimento com relação a esse paciente, à sua família e ainda ao seu atendimento ao público que o procura	O enfermeiro possui um papel de agente socializador com o paciente portador de TEA, e em relação a família, o enfermeiro pode ser visto como um educador. Dados indicam que grande parte da intervenção de enfermagem deve se dar ao apoio familiar à criança.
H	Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia da Saúde da Família	Nascimento <i>et al</i> , 2018	Identificar a atuação do enfermeiro da Estratégia Saúde da Família na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista	Através dos discursos dos entrevistados, foram categorizados alguns conteúdos em áreas temáticas: percepção, estratégias e intervenções do enfermeiro sobre sinais e sintomas da criança com TEA; Dificuldades relatadas quanto a detecção precoce do TEA; Construção do conhecimento sobre TEA e sentimentos dos profissionais ao acompanharem crianças com TEA.
I	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil	Sena <i>et al</i> , 2015	Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do transtorno autístico	15 enfermeiros atuantes da Estratégia da Saúde e da Família foram entrevistados em relação a sua segurança ao prestar assistência com pacientes autistas, 11 afirmaram não ter confiança em decorrência da falta de treinamentos durante sua formação acadêmica

Fonte: autoria própria

DISCUSSÃO

O artigo A descreve que a enfermagem é um componente importante para a detecção de sinais e sintomas inadequados durante o desenvolvimento de crianças autistas, podendo contribuir de forma assertiva através de consultas de acompanhamento. Todavia, muitos desses profissionais não estão capacitados para discernir as manifestações precoces do autismo. Estudos demonstram que a assistência de enfermagem, até o momento, é voltada apenas para o paciente autista, observando-se uma carência na assistência prestada aos pais. Os autores ainda salientam sobre a importância da criação de políticas públicas voltadas ao apoio e cuidado do paciente com autismo e seus familiares. Uma das dificuldades citadas no artigo se dá pela falta de preparo técnico e emocional do enfermeiro durante a assistência prestada, podendo ser entendida pela falta de preparo técnico durante a formação

acadêmica, uma vez que o Transtorno do Espectro Autista é pouco abordado na grade curricular das Instituições de Ensino, podendo contribuir de forma negativa no seu atendimento.

No estudo B, foi realizado uma entrevista com 78 profissionais de enfermagem da atenção primária, onde foi possível identificar seus conhecimentos, percepções e experiências acerca do paciente autista. Apenas 10% (oito) dos entrevistados sabiam descrever os sinais precoces para a detecção de TEA. Os autores concordam com o autor A ao dizer sobre a importância de incluir o tema exposto nas grades curriculares do curso de Enfermagem, pois será um diferencial para a Estratégia de Saúde e da Família. Acrescenta também sobre a falta de incentivo da Secretaria Municipal de Saúde em relação a capacitações e fluxogramas. Os enfermeiros relatam que os pais não recebem orientação adequada após o encaminhamento e reconhecimento dos primeiros sinais e sintomas do autismo, visto que eles possuem papel fundamental por conviverem mais tempo com a criança, podendo auxiliar na triagem precoce.

Os autores do artigo C afirmam que há poucos estudos na literatura sobre a atuação do enfermeiro com o paciente autista, provavelmente por ser um assunto recente na área da enfermagem. Muitas das vezes, o profissional não teve contato com o transtorno ou não manifestou interesse em aprender a forma adequada de atendimento, sendo assim, não buscavam capacitações para que a assistência ao autista fosse realizada de forma ampla e singularizada. Outra justificativa para a escassa produção científica seria que segundo Souza (2019), exista mais de 2 milhões de autistas no Brasil, fundamentando a busca constante dos pais por ajuda profissional, dado que a lei “Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista”, estabelecida em 2012, permite que os portadores do TEA gozem dos mesmos direitos que qualquer indivíduo que manifeste necessidades especiais em território brasileiro. Os autores afirmam que é de competência do enfermeiro, a identificação de alterações que podem surgir durante o exame físico do possível autista, acompanhar a criança e sua família, implementar a SAE e elaborar intervenções específicas para o transtorno, sempre seguindo as diretrizes que o Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde exigem.

Os autores do artigo D, no qual foi realizado um estudo com 10 profissionais de enfermagem, foi observado que os entrevistados não detinham conhecimento sobre as disfunções sensoriais básicas que o autismo apresenta, sendo esta capacitação um diferencial para o diagnóstico precoce. Os autores ainda enfatizam sobre a relevância da criação de um Projeto Terapêutico Singular particularizado, direcionado a propostas que auxiliem a família e a criança em relação a conduta mais adequada perante o tratamento, sem que se transforme em intervenções padronizadas e repetitivas em todas as crianças com a mesma situação. Os enfermeiros evidenciam em suas falas alguns sentimentos de incapacidade e medo ao lidarem com portadores de TEA, impossibilitando a criação de vínculo e assistência completa. Além disso, o artigo D concorda com o artigo A ao destacar que os profissionais de enfermagem relatam uma abordagem insuficiente ou nula a respeito do transtorno autístico durante sua formação acadêmica.

Os autores do artigo E ressaltam sobre a alta rotatividade de atendimentos que cada profissional possui diariamente, às vezes impossibilitando-os de se prepararem e filtrarem informações necessárias do paciente e seus familiares. Os responsáveis da criança autista referem que se sentem frustrados quanto a revelação do diagnóstico do autismo, onde é realizado de maneira breve, muitas vezes sendo impossibilitados de ouvir e serem ouvidos. Hofzmann (2019), afirma que há relatos sobre a falta de participação efetiva da Unidade Básica de Saúde durante o acompanhamento e assistência da criança autista, visto que a espera para agendamentos de consultas e exames através do Sistema Único de Saúde (SUS) faz com que os pais busquem outros meios de atendimento. Silva (2016), evidencia uma lacuna na assistência da enfermagem, quando em entrevista, uma mãe alega nunca ter sido atendida por algum enfermeiro, somente por outros profissionais de saúde, mostrando que a família sente falta do apoio da enfermagem na unidade de saúde.

Para os autores do artigo F, o enfermeiro torna-se um elo entre os responsáveis da criança autista e a equipe multiprofissional, visto que a enfermagem são os olhos e os ouvidos da equipe assim como é a voz para os pais. O artigo ressalta que os profissionais de Enfermagem acreditam ter mais habilidade ao prestarem assistência em crianças com condições clínicas do tipo cardiopatias ou fibrose cística quando comparado aos cuidados primários prestados à criança autista. Além disso, os profissionais de enfermagem apontam dificuldades para a realização dos cuidados primários, tal como a falta de gerenciamento do cuidado, falta de tempo e de diretrizes de prática.

O artigo G atribui a função de agente socializador entre o enfermeiro e o autista, e como tal, deve participar de atividades sociais, assim como delega o papel de educador entre o enfermeiro e a família. Concorda com o estudo A ao dizer que a atenção também deve ser direcionada aos pais, pois a grande maioria se sente responsáveis ou com vergonha por passarem por esta situação. Dados apontam que 75% da intervenção de enfermagem em relação ao transtorno autístico se dá pelo apoio da família à criança, sendo imprescindível que o enfermeiro esteja atento as possíveis reclamações relacionadas ao cuidador da criança, assim como deve orientá-los da forma mais adequada.

Os autores do artigo H realizaram uma pesquisa com 10 enfermeiros exercendo suas atividades em uma Estratégia da Saúde e da Família. Apenas 50% dos profissionais tiveram contato com o autista e reconheceram os sinais durante a consulta. Como já citado no artigo D anteriormente, o sentimento de insegurança e inexperiência é evidenciado pelos profissionais. O estudo ainda aponta que a família pode ser um empecilho na identificação do diagnóstico precoce ao não observar os sintomas nos primeiros 24 meses, seja por superproteção, negação, falta de informação, não recorrer à UBS ou até mesmo por negligência com a criança. Os autores chamam atenção para as dificuldades encontradas no encaminhamento correto ao dar início ao tratamento de TEA, limitando as ações dos profissionais nas Unidades Básicas de Saúde, no qual acreditam não ter responsabilidade nos cuidados relacionados a emoção e comportamento do indivíduo, destinando essa competência aos profissionais que compreendem ou já tiveram alguma experiência na área de saúde mental.

Os autores do artigo I realizaram uma entrevista com 15 enfermeiros, e quando indagados sobre ter prestado assistência ao indivíduo autista, 13 afirmaram nunca ter prestado algum tipo de cuidado e apenas 01 teve contato com uma criança durante sua graduação acadêmica, mas sem prestar qualquer tipo de assistência. Apenas 01 enfermeiro afirmou estar apto para prestar assistência às crianças com transtorno autístico, porém o mesmo, enfatizou sobre a falta de recursos, diretrizes e fluxogramas que orientasse o cuidado para melhor atender esse paciente autista, concordando com o artigo B. O estudo concorda com os artigos A e D ao apontar que as Instituições de Ensino pouco trabalham sobre o tema durante a formação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança autista precisa de uma assistência particularizada pela equipe multiprofissional, em especial o profissional enfermeiro, uma vez que dentre todos os profissionais envolvidos no processo, ele será o primeiro contato e o que passará mais tempo com a criança.

O enfermeiro não deve se limitar apenas aos procedimentos/técnicas, ele precisa expressar confiança, ter um olhar cuidadoso e atento, livre de preconceitos, prestar atendimento humanizado e, como qualquer assistência, comunicar a criança os tipos e a forma de procedimentos que serão executados. Foi possível identificar diversas lacunas na atuação do enfermeiro que podem prejudicar o cuidado prestado, dentre eles o sentimento de incapacidade e despreparo dos profissionais, além da ausência de conhecimentos teóricos aprofundados sobre a temática, como exemplo está a cartilha de *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA*, existente desde 2012, porém pouco utilizada e pouco difundida na atualidade.

Com base nos achados apresentados nesta revisão, fica evidenciada a necessidade de novos estudos e investigações sobre o tema pois a literatura apresenta escassez no que diz respeito a assistência de enfermagem ao paciente autista. Vale considerar a necessidade de reflexão por parte dos profissionais visto que o TEA está presente no cotidiano e no ambiente hospitalar.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, A. F. F.; GALLETE, K. G. C.; GARCIA, C. D. A importância do cuidado de enfermagem diante do paciente com espectro autista. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa* v. 33 n. 65, p. 33-44, jun. 2018.
- MAGALHÃES, J. M. et al. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. *Enfermaria Global*. v. 19, n. 2, p. 33-44, mar. 2020.
- NASCIMENTO, Y. C. M. L. et al. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia da Saúde da Família. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 32, 23 maio 2018.
- CORRÊA, I. S.; GALLINA, F.; SCHULTZ, L. F. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. *Revista de APS*, v. 24, n. 2, 5 nov. 2021.
- RODRIGUES, M. R. C.; QUEIROZ, R. S. A.; CAMELO, M. S. Assistência de enfermagem a paciente com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, 20 dez. 2021.
- SENA, R. C. F. et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, v. 7, n. 3, p. 2707–2716, 1 jul. 2015.
- SILVA, S. H. G. M. et al. A assistência de enfermagem diante de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura. *Scire Salutis*, v. 11, n. 1, p. 36–45, 2021.
- SOELTL, S.; FERNANDES, I.; CAMILLO, S. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. *ABCS Health Sciences*, v. 46, p. e021206, 8 mar. 2021.
- NEVES, K. et al. Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de Enfermagem. *Research, Society and Development*, v. 9, p. e941986742, 2 ago. 2020.
- MACHADO, F. P. et al. Questionário de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: avaliação da sensibilidade para transtornos do espectro do autismo. *Audiology - Communication Research*, v. 19, n. 4, p. 345–351, dez. 2014.
- SILLOS, I. R. et al. Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. *Revista Atenas Higeia*, v. 2, n. 1, p. 1–7, 2020.
- BIALER, M.; VOLTOLINI, R. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. *Psicologia em Estudo*, v. 27, 2022.
- MARFINATI, A. C.; ABRÃO, J. L. F. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. *Estilos da Clínica*, v. 19, n. 2, p. 244, 19 ago. 2014.
- SANCHES, T. T. B.; TAVEIRA, L. DA S. Autismo: uma revisão bibliográfica. *Caderno Intersaberes*, v. 9, n. 18, 9 jul. 2020.
- DIAS, C. C. V. Mães de crianças autistas: sobrecarga do cuidador e representações sociais sobre o autismo. João Pessoa. 2017. UFPB.
- PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 37, n. 3, 2016.
- MAGALHÃES, J. M. et al. Diagnóstico e intervenções de enfermagem em crianças com Transtorno do Espectro Autista: perspectiva para o autocuidado. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 36, 28 abr. 2022.
- BARBOSA, P. A. DA S.; NUNES, C. DOS R. A relação entre o enfermeiro e a criança com Transtorno do Espectro Autista. *Múltiplos Acessos*, v. 2, n. 2, 16 dez. 2017.

SEIZE, M. DE M.; BORSA, J. C. Instrumentos para Rastreamento de Sinais Precoces do Autismo: Revisão Sistemática. *Psico-USF*, v. 22, n. 1, p. 161–176, abr. 2017.

FONTINELE, A. D. S. F. et al. Olhar do enfermeiro na assistência de enfermagem do paciente autista e sua família. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 14, p. e246101420229–e246101420229, 1 nov. 2021.

SANCHES, T. T. B.; TAVEIRA, L. DA S. Autismo: uma revisão bibliográfica. *Caderno Intersaberes*, v. 9, n. 18, 9 jul. 2020.

DSM-5. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5.ed. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MOURA, C. M. A. B. Rastreamento do transtorno do espectro do autismo na consulta de enfermagem com a aplicação do M-CHAT. Porto Alegre. Brasil. 2016. Unisinos
